

MOVIMENTO ARMORIAL, CULTURA LOCAL E EDUCAÇÃO: O QUE DIZEM OS PROFESSORES DE SURUBIM - PE?

Antônio Flávio dos Santos Mendes¹; Sandro Guimarães de Salles²

¹ Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), flaviomendesipdf@gmail.com

² Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), sandro.ufpe@gmail.com

INTRODUÇÃO

Em princípio, deve-se reconhecer que o Nordeste brasileiro é uma região com tradição de pensamento e grande valorização de manifestações culturais locais (ALBUQUERQUE, 2011). Também é notável que durante o período do regime militar, consolidou-se no Brasil uma certa tendência patriótica, que visava promover o orgulho nacional. Desse modo, se instalou a necessidade de criar uma arte genuinamente brasileira, que fosse capaz de expressar a identidade nacional. É neste quadro contextual que emerge no Nordeste brasileiro, na cidade de Recife, o Movimento Armorial. Um de seus principais idealizadores foi Ariano Suassuna, dramaturgo paraibano, que por diversas circunstâncias acabou radicado na capital de Pernambuco. O Movimento Armorial surgiu com o propósito de fazer a articulação entre cultura popular e erudita, com o uso de arte em seus diversos gêneros, valorizando a cultura local. Partiu-se da concepção de que uma verdadeira e legítima arte erudita brasileira deveria “buscar suas fontes na arte folclórica rural do Nordeste brasileiro” (AMARAL, 2013).

Outro personagem de grande envergadura quando se fala no Movimento Armorial, sendo considerado por Ariano Suassuna como um dos patronos deste movimento, foi Lourenço da Fonseca Barbosa, popularmente conhecido como Capiba. Este nasceu na cidade de Surubim, situada no agreste setentrional pernambucano, em 1904. Seu nome foi reconhecido nacionalmente como um dos principais compositores do frevo pernambucano. No contexto do Movimento Armorial, Capiba compôs várias peças musicais, consideradas referências, como Toada e Desafio e Grande Missa Armorial.

Guiou-se este trabalho pelo pressuposto de que a escola é um espaço privilegiado para a reflexão sobre a sociedade, sobre sua cultura e história e, assim, objetivou investigar mais apropriadamente a concepção existente nos professores da rede pública de ensino do município de Surubim – PE sobre o Movimento Armorial, bem como sua importância para valorização da cultura local e sua relação com o compositor Capiba, dado seu protagonismo e contribuição para o movimento naquela mesma região.

METODOLOGIA

A perspectiva metodológica que orientou o presente trabalho foi a etnografia, sendo considerado, no entanto, seus limites e alcances. O campo de pesquisa em que o estudo foi realizado foi o município de Surubim (PE). Elegemos três professores, denominados aqui como A, B e C, que lecionam na rede municipal, para ser entrevistados. Elaboraram-se cinco perguntas que aproximam temas referentes ao Movimento Armorial, à cultura local e à educação. O questionário foi aplicado e a entrevista foi gravada em dispositivo digital para análise ulterior.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os professores entrevistados ao ser indagados sobre a definição de cultura, apresentaram, de modo elementar, dificuldades em discorrer sobre o conceito solicitado, conforme o apontamento das respostas no Quadro 01:

Quadro 01 – Respostas dos professores entrevistados sobre o conceito de cultura

| | |
|-------------|---|
| Professor A | “Para definir cultura, é uma pergunta complexa de responder, assim como é difícil saber o que é arte. Cultura é muito abrangente. Então, então que cultura queremos trabalhar? Cultura como arte? Como pessoa? Mas cultura voltada para arte é aquilo que se é implementado, é dialogado, é falado, que surge através do povo, através da necessidade humana de querer fazer alguma coisa diferente. Aí você consegue, a partir desse momento, ter uma cultura de alguma coisa. No caso da arte, [é] você definir alguma coisa a partir da vontade humana, em querer fazer algo.” |
| Professor B | “A cultura é um... Nos remetem a um conjunto de tradições de costumes que é vivenciado pelas pessoas.” |
| Professor C | “É um conjunto de regras ditada pela sociedade.” |

O Professor A definiu cultura como algo complexo de se definir, afirmando, em seguida, que ela seria muito abrangente, uma vez que a arte é uma importante aliada para a interpretação da cultura. O Professor B, por sua vez, tratou da cultura como um conjunto de tradições e costumes vividos pelas pessoas, numa definição sucinta. Ademais, o Professor C apontou, em perspectiva diferente dos outros anteriores - que fazem referência, de uma forma implícita, a uma cultura que é vivida pelo povo -, uma definição de cultura referida a partir de um conjunto de regras impostas pela sociedade; a cultura parte do normativo.

É conveniente que se faça uma reflexão, deste modo, pela definição semiótica e antropológica de cultura, em que se impõe a necessidade interpretativa do ser humano de criar sistemas simbólicos (GEERTZ, 2008), por meio dos quais é possível dar significado a experiências vividas cotidianamente. A cultura não é herdada biologicamente, nem se sucede por uma determinação genética, contudo surge e se mantém por meio de ações e interações cotidianas, numa atitude mental em que ideias e valores são expressados por meio de símbolos. É durante a vivência na coletividade e durante a participação no diálogo cultural que as identidades pessoais são construídas socialmente (KUPER, 2002).

Não menos importante é saber que um meio de identidade cultural fundamental são as tradições. As tradições podem ser entendidas como hábitos alicerçados numa memória coletiva, um passado vivido no presente. Essas tradições, frequentemente, são inventadas, havendo uma continuidade artificial com o passado. A tradição inventada é algo estático, que impõe práticas repetitivas fixas. Estas práticas devem ser executadas por todos que estão dentro de uma cultura, com o objetivo de legitimar certos valores. Opondo-se a essas tradições inventadas há o costume. O costume acompanha as mudanças da sociedade e torna-se um agente moldável dentro da dinâmica social (HOBSBAWN; RANGER, 1984). A cultura, assim como o costume, não requer modelos pré-estabelecidos e para ela não existem padrões válidos pelos quais se possam julgar suas práticas e princípios. Trata-se, antes, de um processo dinâmico e flexível. Por conseguinte, será útil referir outra marca que pode ajudar na compreensão deste estudo: a cultura. Há uma tendência acentuada nas pesquisas sobre grupos étnicos e culturais de separar cultura em categorias distintas: alta cultura, cultura de massa e cultura popular. A alta cultura é tratada como um bem de consumo, prestigiando com certo *status* social a quem a tem em posse, enquanto a cultura de massa faz uso da mídia para propagar suas aspirações, pois está a serviço dos interesses do mercado; por sua vez, a cultura popular seria um movimento de resistência à cultura de massa, pois conferiria prioridade aos costumes e interesses estabelecidos pelo povo (KUPER, 2002).

Ao fim da pesquisa, podemos apresentar algumas constatações. Quando indagados os professores sobre a importância do Movimento Armorial, se o trabalhavam e como o trabalhavam nas escolas municipais, foi perceptível que alguns deles desconheciam este movimento abordado. Alguns deles deram respostas fechadas, vazias, sem argumentar com propriedade sobre o tema proposto, como é patente na fala do professor B. Nas respostas do professor A, conquanto este demonstre um conhecimento mais amplo sobre o Movimento Armorial, e mesmo que discorra com detalhes sobre o seu surgimento e sobre sua importância, nota-se ausência de uma visão crítica, uma

vez que não se tratou das tensões existentes entre as três matrizes, africanas, europeias e indígenas, as que, justamente, constituem nossa matriz brasileira e, ademais, afirmando-se o Movimento Armorial como expressão desta mesma composição. É possível referir, por conseguinte, pela resposta do professor A, ao compartilhar detalhes de como aborda estes temas em sala de aula, sua perspectiva remetida à ideia de uma dada identidade cultural nordestina, uma identidade artística, que se expressa na pintura, na dança e na música do Movimento Armorial.

Cultura e identidade aparecem associadas aos valores culturais e tradições locais. De fato, no que diz respeito à literatura de cordel e às artes plásticas armoriais, há textos e pinturas repletas de detalhes, estas com um vasto tracejado e curvas indiscretas e, na sua maioria, com apenas duas cores, por se tratar de desenhos confeccionados, elementarmente, em uma talha: é a técnica da xilogravura. Nelas, são representados desenhos que simulam o contexto nordestino, com seus costumes e credos. Em relação à música armorial, há o uso de instrumentos típicos dos festejos populares, como o marimbau, a rabeca, a viola nordestina, dentre outros. Todos esses instrumentos remetem a ritmos, escalas e timbres característicos dos sons típicos do cotidiano nordestino.

A resposta do professor C evidencia a necessidade de o professor e seus alunos conhecerem primeiramente o que é um movimento e de conhecerem a cultura local. No caso do município de Surubim, há em sua história várias manifestações culturais notáveis. A cidade, de fato, conta com diversas manifestações populares, que acontecem na zona rural, como teatro de mamulengos, cavalo-marinho, cirandas, etc. A tradição de vaquejada tornou-se a principal referência de cultura local, e Surubim é, deste modo, conhecida em Pernambuco como a Capital da Vaquejada. (MEDEIROS, 1999). As respostas dos professores estão esquematizadas no Quadro 02.

Quadro 02 – Respostas dos professores entrevistados sobre a importância do Movimento Armorial e sua respectiva abordagem em sala de aula

| | |
|-------------|--|
| Professor A | “É importante trabalhar o Movimento Armorial!, que o Movimento Armorial surgiu na década de 70 com Ariano Suassuna. Ele vai trabalhar tanto a linguagem medieval, como a linguagem do Brasil, medieval da península ibérica, como aqui do Brasil, principalmente do Nordeste. Aí, fortifica cada vez mais essa nossa cultura popular brasileira, em especial do Nordeste. É importantíssimo trabalhar, para que as pessoas saibam das suas raízes. Temos as matrizes africanas, as matrizes europeias e as matrizes indígenas. E a gente tem que pegar essas três matrizes e constituir a nossa matriz brasileira, que faz parte dessas três fontes. É importantíssimo trabalhar com o |
|-------------|--|

| | |
|-------------|---|
| | movimento Armorial. Sim! Trabalhamos! Trabalho com meus alunos o Movimento Armorial já há um bom tempo, sempre buscando um olhar para essa nossa identidade, nossa identidade artística, identidade cultural e os movimentos. Não só na literatura, como também na pintura, na música e na dança, que é importante a gente entender quais são os movimentos que tem dentro dessa arte.” |
| Professor B | “Com certeza! Com certeza! [...] Sim, a gente sempre trabalha. A gente sempre tá com projetos fazendo uma ligação. [...] Através da cultura.” |
| Professor C | “Você e os alunos devem conhecer primeiro o que é movimento! Porque Surubim tem várias culturas, como: vaquejada, capiba e chacinha. [...] Sim, [trabalho o Movimento] por meio da xilogravura e pelo próprio cordel.” |

Depreende-se que todos os três professores ao afirmar que conhecem a obra do compositor Capiba, fazem-no apenas enquanto compositor de frevo e de marchinhas de Carnaval, de um modo bastante limitado e impreciso. Não há nenhuma referência à sua obra instrumental, nem referência à sua relação com o Movimento Armorial. À indagação de se é possível trabalhar a memória de Capiba e sua relação com o Movimento Armorial, evidenciou-se que os três professores tomam rumos divergentes em suas respostas. O Professor A conclui que é possível trabalhar, afirmativamente, com a ressalva de que Capiba está implementado no universo do frevo. Segundo esse professor, Capiba segue uma vertente oposta ao Movimento Armorial, que porém, pode ou não ter uma ligação com o Movimento Armorial. O Professor C revela que é possível trabalhar a memória de Capiba a partir do Movimento Armorial, desde que se estudem a sua biografia e as suas obras, com certo apelo à interdisciplinaridade. O Professor B relata sobre seus trabalhos individuais sobre Capiba em uma instituição privada, em que também leciona, no entanto, na rede pública não há qualquer incentivo para este tema; some-se a isto que não buscou fazer nenhuma relação entre o compositor e o Movimento Armorial.

CONCLUSÃO

A apreciação dos dados referidos pelas falas dos professores com os quais se procurou dialogar na pesquisa revela o pleno desconhecimento da obra de Capiba com vista ao Movimento Armorial. Isto pode ser justificado pela falta de um empreendimento informativo mais significativo sobre o movimento abordado e sobre a própria figura de Capiba – com maior aprofundamento em matéria histórico-biográfica, visto que ele é mencionado pelos professores apenas como compositor

de frevo. Esta ausência de um trabalho sobre ambos revela o distanciamento entre o currículo escolar de Surubim e a cultura local. A escola despreza, dessa maneira, enquanto espaço privilegiado para a reflexão sobre a sociedade, sua cultura e história, bem como as contribuições do Movimento Armorial e do próprio Capiba, em sua integralidade, limitando o debate em sala de aula. Deste modo, o que se conhece sobre o Movimento Armorial e sobre um dos seus principais expoentes, limita-se às informações da mídia e do senso comum, que chegam, sobretudo, da capital. É indispensável, pois, investir em programas de informação, mas também em projetos que tornem possível a execução de ações práticas nas salas de aula, para que essas informações sejam conhecidas, incorporadas e familiarizadas entre os professores e os alunos das escolas deste município.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

AMARAL, Carlos Eduardo. **Premissas estéticas e ideológicas da música Armorial**. Revista do Programa de Pós-graduação em Música Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC-Livros Técnicos e Científicos Editora, 2008.

HOBSBAWM, Eric & RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. Págs. 9-23

KUPER, Adam. **Cultura, diferença, identidade**. A visão dos antropólogos. Bauru: EDUSC, 2002.

CAPIBA por ele mesmo. **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 16 junho 2017.

CAPIBA. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa12273/capiba>>.

Acesso em: 16 de Jul. 2017. Verbete da Enciclopédia

MEDEIROS, Luiz Antonio. **Surubim: a história de todos os tempos**. Recife: Editora Universitária UFPE, 1999.